

# A biografia da imagem: duas coleções de fotografias contam a vida de duas fotógrafas<sup>1</sup>

Erika Zerwes

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

---

Esta apresentação busca retratar momentos chave da biografia de duas coleções fotográficas – parte do arquivo da húngara naturalizada mexicana Kati Horna (1912-2000), e parte do da austríaca naturalizada australiana Margaret Michaelis (1902-1986). As duas coleções passaram por diversos deslocamentos antes de chegarem onde hoje se encontram, uma vez que foram feitas por mulheres que tiveram suas vidas pautadas pela fuga e pela imigração. Por muitos anos estas duas coleções permaneceram desconhecidas do público em geral. Apenas depois da morte delas redescobrimos suas atuações como fotógrafas de guerra. As biografias destas coleções mostram as preocupações políticas de quem viveu mulher, judia e anarquista durante os tempos sombrios do século XX.

**Palavras-chave:** Kati Horna; Margaret Michaelis; fotografia e gênero; cultura política; cultura visual.

---

This presentation intends to retrace some key moments in two photographic collections' biographies – part of the Hungarian-Mexican Kati Horna's (1912-2000) archive, and part of the Austro-Australian Margaret Michaelis' (1902-1986). Both collections have travelled significantly before settling where they are now, as they were made by women whose lives were marked by fled and immigration. For many years these two collections remained mostly unknown for the general public. Only after their deaths we discovered they work as war photographers. These collections' biographies show the political concerns of individuals who lived as woman, Jew and anarchist during these 20<sup>th</sup> century dark times.

**Key-words:** Kati Horna; Margaret Michaelis; gender in photography; political culture; visual culture.

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da FAPESP.

Esta comunicação busca retratar momentos chave da biografia de duas coleções fotográficas – parte do arquivo da húngara naturalizada mexicana Kati Horna (1912-2000), e parte do da austríaca naturalizada australiana Margaret Michaelis (1902-1986) – com o objetivo de discutir alguns dos aspectos da vida e obra destas fotógrafas. Se trata de alguns resultados preliminares sobre a pesquisa em ambos os arquivos.

As imagens em questão foram produzidas em um mesmo momento histórico, o da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), quando as duas fotógrafas estavam engajadas no lado republicano do conflito – mais precisamente, no movimento anarquista. No entanto, estas coleções foram institucionalizadas em locais bastante afastados, e muito tempo depois de sua produção. O arquivo de Horna é constituído por 270 fotografias e fotomontagens. Foi doado por ela para o Archivo Histórico Nacional espanhol (hoje Archivo General de la Guerra Civil Española, localizado em Salamanca) em 1983, logo após o fim do longo período de ditadura franquista que se seguiu à derrota republicana. O de Michaelis está localizado na National Gallery of Australia, em Canberra, e foi doado pela fotógrafa poucas semanas antes de sua morte, em 1986. A coleção completa que foi incorporada ao museu consiste em cerca de 450 imagens e uma caixa, contendo cartas e papeis pessoais. Deste total, cerca de 125 imagens foram feitas na Espanha durante o conflito.

Estas duas coleções passaram por diversos deslocamentos antes de chegarem onde hoje se encontram, uma vez que foram feitas por mulheres que tiveram suas vidas pautadas pela fuga e pela imigração.

Margaret Michaelis nasceu Margarethe Gross, em 1902, na cidade de Dzieditz, que naquele momento pertencia à Áustria, mas que devido aos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, depois de 1919 passou a pertencer à Polónia<sup>2</sup>. Ela realizou em Viena, entre 1918 e 1921 uma formação técnica em fotografia bastante completa, e em seguida, trabalhou em estúdios fotográficos naquela mesma cidade. É desta época algumas das imagens mais antigas que constam de seu arquivo, um autorretrato e alguns retratos de uma mesma modelo.

---

<sup>2</sup> O breve resumo da biografia de Michaelis que se segue é baseado nas seguintes obras: ENNIS, Helen. *Margaret Michaelis: Love, loss and photography*. Canberra: National Gallery of Australia, 2005. MENDELSON, Jordana, LAHUERTA, Juan José. *Margaret Michaelis. Fotografía, vanguardia y política en la Barcelona de la República*. Valencia: IVAM Institut Valencià d'Art Modern, 1998.



Imagens 1 a 3. Margaret Michaelis. Autorretrato e retratos. Fotografias. Viena, c.1924.

Fonte: Margaret Michaelis-Sachs Archive, National Gallery of Australia.

As três fotografias (Imagens 1 a 3) são datadas da mesma época, cerca de 1924, quando Michaelis estava empregada como ajudante em um estúdio fotográfico chamado Atelier Kolliner. São provavelmente exercícios de estúdio, em que praticava o seu ofício de retratista<sup>3</sup>. Quando Michaelis deixou este emprego, seu arquivo nos informa que ela trabalhou em uma série de estúdios em Berlim (1928), depois Praga (1928-29), e novamente Berlim (1929). Foi lá que, em 1929, ela conheceu seu primeiro marido, o militante do grupo anarco-sindicalista FAUD (*Freie Arbeiter Union Deutschlands*, ou União dos Trabalhadores Livres da Alemanha) Rudolf Michaelis. Entre 1929 e 1933 ela se fixou em Berlim, trabalhando em diversos estúdios fotográficos, e chegou a abrir seu próprio estúdio, que, ao que se tem notícia, durou apenas alguns meses no ano de 1931. No final de 1933, o casal se viu obrigado a fugir da Alemanha.

Em 30 de janeiro de 1933 Hitler se tornou chanceler e suprimiu a FAUD. Nos meses seguintes primeiro Margaret, e depois seu marido, foram presos. Em dezembro deste mesmo ano de 1933, temendo por sua segurança, eles imigraram para a Espanha, onde já estavam amigos alemães também membros da FAUD. Em meados do ano de 1937 houveram os expurgos stalinistas contra os sindicatos e movimentos anarquistas, conhecidos como os "acontecimentos de maio" em Barcelona, que podem ter contado para a decisão de Margaret de deixar a Espanha ao final deste ano. As dificuldades levantadas pelo antissemitismo na Europa continental a levaram a buscar um visto para a Inglaterra, e depois para fora do continente. Em julho de 1939 o pedido que ela havia feito de visto para a Austrália foi concedido, e ela, cerca de 300 fotografias, cartas e alguns cartões postais, embarcaram para Sydney. Lá ela abriu um estúdio de retratos fotográficos em 1940. Durante os anos da Segunda Guerra Mundial permaneceu sob vigilância do governo por ser um "inimigo estrangeiro". Ao fim da guerra se naturalizou australiana, e, em 1960 se casou pela segunda vez, com o também imigrante austríaco Albert George Sachs. Ela faleceu em Melbourne em 1986, poucas semanas depois de

---

<sup>3</sup> ENNIS, Helen. *op. cit.*, p. 24.

doar seu arquivo para a National Gallery australiana<sup>4</sup>.

Assim como Michaelis, Horna era também de família judia. Nasceu na Hungria, mas também muito jovem saiu de casa para completar sua formação em fotografia<sup>5</sup>. Em 1930, um ano depois de Michaelis chegar nesta cidade, Horna foi estudar em Berlim. Com a escalada do nazismo e do antissemitismo, ela voltou para Budapeste em 1933, onde fez um curso intensivo de fotografia no estúdio do fotógrafo, inventor e educador húngaro József Pécsi (1889-1956), por onde também passaram quando jovens os futuros fotógrafos Robert Capa e Eva Besnyö, entre outros.

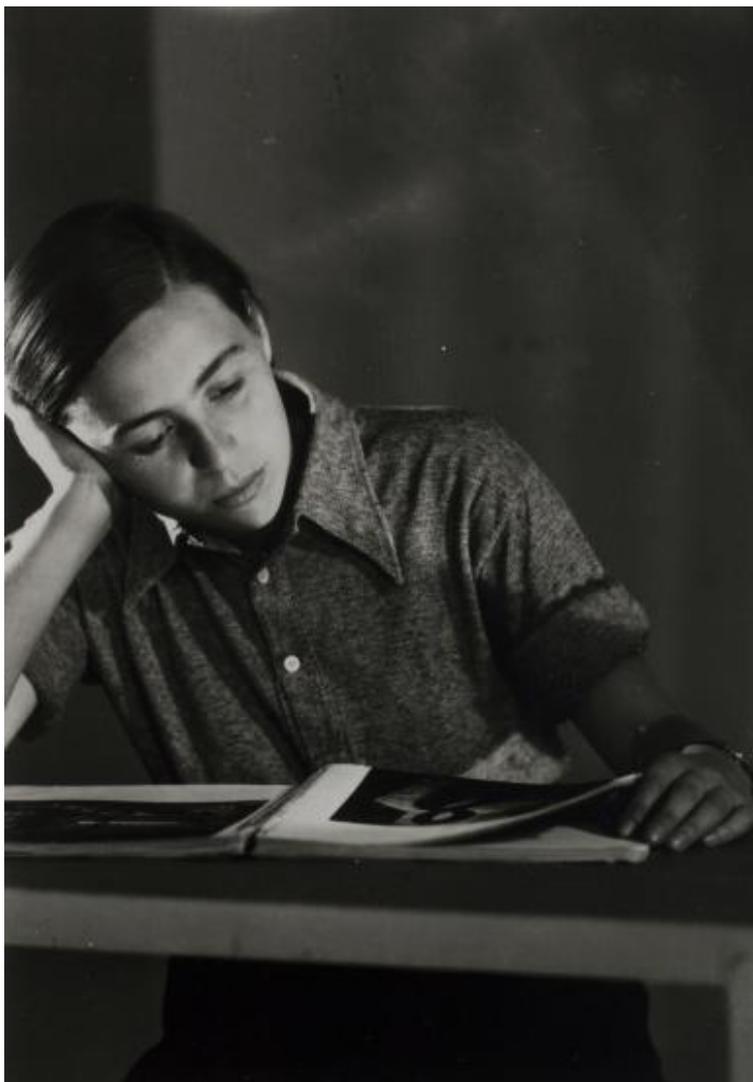


Imagem 4. Robert Capa (at.). Kati Horna. Fotografia. Budapest, 1933. Fonte: RODRÍGUEZ, José Antonio, et. al. Kati Horna. México, DF; Barcelona: Editorial RM, 2013.

---

<sup>4</sup> Depois de sua morte, o arquivo de imagens e escritos de Margaret Michaelis foi doado para a National Gallery of Austrália, e finalmente redescoberto. Foi exposto em uma sala especial nesta instituição, depois foi retomado por pesquisadores espanhóis. Entre 1998-99 houve uma exposição de suas fotografias da Espanha no IVAM em Valencia, e em 2005 houve uma grande retrospectiva de seu trabalho também na NGA.

<sup>5</sup> A curta biografia de Horna que se segue é baseada nas obras RODRÍGUEZ, José Antonio, et. al. *Kati Horna*. México, DF; Barcelona: Editorial RM, 2013; MOORHEAD, Joana et. al. *Surreal Friends. Leonora Carrington, Remedios Varo, Kati Horna*. Surrey: Palant House Gallery, 2010; PELIZZON, Lisa. *Más allá de la foto: La mirada de Kati Horna*. Venezia, Tesi di dottorato. Università Ca' Foscari, 2011.

É desta época um retrato de Horna (Imagem 4) cuja autoria é atribuída à Capa, feito no estúdio de Pécsi em 1933, uma das primeiras e raras fotografias que se tem dela.

Neste mesmo ano, Horna se mudou para Paris, onde morou até 1937. Lá ela iniciou um trabalho fotográfico associado ao mesmo tempo às vanguardas e à reportagem fotográfica. Este trabalho foi interrompido por sua viagem para a Espanha para fotografar o conflito civil iniciado no ano anterior. Ela chegou a este país por meio do Comitê de Propaganda Exterior da CNT, a Confederação Nacional do Trabalho, partido anarco-sindicalista ligado à Associação Internacional dos Trabalhadores, e que participava do governo de Frente Popular espanhol. Todo o tempo que Horna esteve na Espanha, ela trabalhou para a imprensa anarquista.

Ao contrário de Michaelis, Horna permaneceu na Espanha até a queda final da República, quando então ela e seu marido espanhol atravessaram os Pirineus e fugiram para a França. Durante este trajeto, ela carregou consigo uma lata contendo seus negativos e fotomontagens que, se fossem descobertos, poderiam lhe custar a vida. Esta mesma lata seguiu com ela no navio até o México, quando o casal foi obrigado novamente a imigrar, fugindo da invasão nazista. Estas são as suas únicas fotografias feitas na Espanha que sobreviveram. Assim como Michaelis, Horna nunca se interessou em retornar para sua terra natal. Fez do México seu novo lar. No entanto, após a morte do ditador Francisco Franco, a fotógrafa doou em 1993 o conteúdo desta lata para o Estado espanhol.

Tanto as cerca de 270 imagens espanholas de Horna, quanto as cerca de 125 de Michaelis resultam de uma seleção, provavelmente feita às pressas, daquilo que estas fotógrafas quiseram ou puderam levar consigo nestes deslocamentos – mudanças, fugas e imigrações. Ao mesmo tempo em que elas são uma espécie de curadoria feita pelas próprias fotógrafas do que elas puderam salvar de seu trabalho, as imagens mostram também algumas de suas condições de feitura. Dentro do conjunto maior de imagens nos arquivos das fotógrafas, as que foram feitas durante o conflito espanhol são menores, ampliadas e recortadas com menos cuidado, mais apressadamente – mostrando a imediatez do momento de guerra. Também o período em que viveram na Espanha marca para as duas um trabalho mais prolongado com fotografia de rua e fotojornalismo, em oposição à fotografia de estúdio. Tanto a temática quanto a estética destas imagens marca um momento de exceção na carreira das duas fotógrafas. Foi o único momento em que ambas desenvolveram um trabalho politicamente engajado.

Elas não tiveram ação política direta nos sindicatos e partidos, ou na frente de batalha, mas trabalharam na retaguarda junto com a imprensa do lado republicano. Michaelis contribuiu com suas fotos para o Comissariat de Propaganda da Generalitat de Catalunya, entre outros trabalhos, e Horna trabalhou principalmente na revista anarquista *Umbral*, da qual foi redatora gráfica, mas também contribuiu para outras publicações anarquistas, como por exemplo *Mujeres Libres*.

Embora não seja certo se as duas se conheceram ou não, pelo que existe de documentos disponíveis, e nas fotografias que sobreviveram, podemos encontrar alguns pontos de aproximação entre Michaelis e Horna no que diz respeito aos círculos dos quais faziam parte, e dos trabalhos que desenvolveram. Em sua maioria, tais aproximações têm relação com a questão do papel da mulher na revolução social.

Ambas retrataram Emma Goldman (1869-1940), grande representante do anarco-sindicalismo e defensora de longa data dos direitos das mulheres, cuja origem era russa, mas que viveu entre a Europa e a América do Norte, sempre atuando em favor da causa libertária.



Imagem 5. Margaret Michaelis. Emma Goldman. Fotografia. Espanha, 1936.  
Fonte: Margaret Michaelis-Sachs Archive, National Gallery of Australia.



Imagem 6. Kati Horna. Emma Goldman. Espanha, setembro de 1937.  
Fonte: Archivo General de la Guerra Civil Española, Fondo Kati Horna.

Michaelis a retratou em sua primeira estada na Espanha em guerra, quando, em outubro de 1936, Goldman foi convidada a fazer uma viagem de carro pelo território de Aragão, controlado por anarquistas (Imagem 5). Estavam com ela nesta viagem os jornalistas Hans-Erich Kaminsky, Anita Garfunkel, o anarquista e historiador Arthur Lehring, além de Margaret Michaelis, que foi na qualidade de fotógrafa da expedição<sup>6</sup>. A presença de jornalistas e de uma fotógrafa indicam que esta viagem tinha também a intenção de ser divulgada como propaganda da revolução social. Da mesma forma, o retrato que Horna fez de Emma Goldman, realizado em sua segunda estada na Espanha, em setembro de 1937, parece ter tido o propósito de acompanhar o artigo publicado na revista *Umbral* n.13, de 9 de outubro de 1937, onde é anunciado que "*Emma Goldman, veterana del anarquismo, nos visita*", e na *Tierra y Libertad* n.40, de 30 de outubro do mesmo ano. São dois retratos bastante diferentes, que denunciam de certo modo a mudança de ânimos quanto à situação do conflito neste período de um ano. Enquanto que no retrato de 1936, feito ao ar livre, Michaelis passa uma imagem ativa e forte de sua retratada, em 1937 Goldman já é retratada por Horna sentada, com uma expressão mais envelhecida (Imagem 6).

Assim como Emma Goldman, a anarquista Etta Federn (1883-1951) foi uma outra mulher independente, militante feminista, que se dedicou à causa revolucionária espanhola, e fez parte dos círculos tanto de Horna quanto de Michaelis durante o conflito. Ela nasceu em Viena mas se mudou em 1905 para Berlim, onde fez parte da Federação de Mulheres Anarquistas (Syndikalistischer Frauenbund, ou SFB), criada na Alemanha em 1921 pelo FAUD. Chegou em Barcelona em 1932, e sua casa logo se tornou um centro de encontro dos militantes do FAUD que emigraram para a Espanha, e Margaret e Rudolf Michaelis, que chegaram um ano depois, eram assíduos frequentadores. Em 1936 ela passou a fazer parte do grupo *Mujeres Libres*, contribuindo, assim como Kati Horna, para a revista de mesmo nome.

O grupo editava uma revista de mesmo nome, cujos objetivos também incluíam o de atrair a atenção das mulheres espanholas, em especial as trabalhadoras, para depois oferecer formação cultural e política que pudessem auxiliá-las na sua emancipação<sup>7</sup>. Os artigos das primeiras três edições da revista, que foram publicadas no início de 1936, antes da sublevação militar, ficam nesta temática. Já os das edições seguintes, publicados durante o conflito civil (a revista e o grupo acabam com a derrota republicana, no início de 1939), incluem outros assuntos de caráter político e bélico. A trajetória da revista segue, de certo modo, os caminhos que o conflito, em princípio revolução social, e depois guerra civil, foram tomando.

---

<sup>6</sup> ENNIS, Helen. *op. cit.*, pp. 155-157

<sup>7</sup> Entre as iniciativas do grupo *Mujeres Libres* estão, nas palavras de Margareth Rago, "a criação de cursos de capacitação das operárias, nos quais desejavam 'despertar a consciência feminina para as ideias libertárias', como afirmavam; cursos de alfabetização e profissionalizantes, visando criar novas formas de inserção social para as mulheres pobres; centros de assistência médica e de educação sexual; creches; *liberatórios de la prostitución*, isto é, casas destinadas às que desejassem sair da prostituição e também 'para que as prostitutas pudessem ter tratamento médico e orientação para melhorar suas vidas', como afirmava Pura Perez, além de espaços, como os da revista que leva o nome do Grupo, em que puderam refletir sobre si mesmas e criar toda uma cultura feminista entre as militantes e simpatizantes do anarquismo" (Rago, 2005: 138).



Imagem 7. Margaret Michaelis. Etta Federn. Fotografia. Barcelona, c. 1934-37.  
Fonte: Margaret Michaelis-Sachs Archive, National Gallery of Australia.

Nos primeiros momentos em que estouraram os combates de rua, em julho de 1936, o lado republicano, levado pelo entusiasmo revolucionário tanto quanto pela carência de pessoal, apelou à mobilização de todos, incluindo as mulheres. Os anarquistas, assim como os demais partidários da República, incorporaram as mulheres em suas fileiras na frente de batalha – as famosas *milicianas*. No entanto, a ilusão de igualdade entre homens e mulheres na frente de batalha não sobreviveu por muito tempo, e já em setembro de 1936 foram organizados os exércitos regulares da República, e as mulheres foram mandadas de volta para a retaguarda<sup>8</sup>. A nova diretriz ficou clara no discurso da Passionaria, como é conhecida a importante militante comunista Dolores Ibarruri, que chamou “os homens ao combate, as mulheres ao trabalho”, e, curiosamente, foi acatada pelos anarquistas, que normalmente não se submetiam às ordens governamentais e às do partido comunista<sup>9</sup>.

Durante estas mudanças de diretrizes dentro do lado republicano, é possível ver uma mudança de discurso nas páginas de *Mujeres Libres*, onde a valorização do papel da

---

<sup>8</sup> GREENE, Patricia. *Testimonio visual: iconografía femenina en los carteles de la Guerra Civil*. Letras Peninsulares vol 11.1, spring, 1998, p. 126; PELIZZON, Lisa. *op. cit.*, p. 139.

<sup>9</sup> RIPA, Yannick. *Le genre dans l'anarcho-syndicalisme espagnol (1910-1939)*. Clio. Histoire, femmes et sociétés n.3, 1996, p. 5.

mulher como mãe passou a ganhar bastante espaço. Este seria agora o seu espaço, não mais a frente de batalha, e a sua ação revolucionária consistiria então em gerar e cuidar dos “novos filhos da República”. Ao mesmo tempo, o machismo presente dentro do próprio movimento anarquista, onde os homens defendiam a revolução na rua, mas dentro de casa ainda reproduziam a subjugação de suas esposas e filhas, continuou a ser bastante denunciado. Emma Goldman, cujas contribuições apareciam frequentemente na revista desde a primeira edição, bordou este assunto mais de uma vez em seus artigos<sup>10</sup>.

Apesar do grupo reiteradamente defender que a mulher não havia “nascido para procriar”, a revista publicou diversas manifestações da naturalidade do sentimento maternal na mulher. Uma das autoras de *Mujeres Libres* que tocava frequentemente neste assunto é Etta Federn. Na coluna intitulada “*Mujeres de las revoluciones*”, em que retratava por escrito diversas mulheres revolucionárias, Federn fez repetidas vezes referência aos “sentimentos maternais” delas, mesmo que não fossem mães<sup>11</sup>. Mais do que outros assuntos, era reiterada na revista a temática da infância, numa tentativa de educar as mães a respeito, entre outras coisas, do parto, que deveria ser feito em hospitais e não em casa; do cuidado com os recém nascidos, que deveriam ser alimentados com leite materno e não de origem animal; com a educação das crianças, que não deveriam sofrer castigos corporais e deveriam estar nas escolas laicas republicanas, etc.

Outro ponto em comum no trabalho de Kati Horna e Margaret Michaelis durante o conflito na Espanha é justamente esta temática. A noção da mãe enquanto mulher revolucionária aparece de forma bastante explícita em uma reportagem fotográfica feita por Horna em diversos centros de acolhida de mulheres e maternidades republicanas, publicada na *Umbral* n.12, de setembro de 1937, e na *Mujeres Libres* n. 11, de 1938, já discutida em outros lugares<sup>12</sup>. Na reportagem – cujo texto é de Lucia Sanchez Saornil, uma das fundadoras do grupo *Mujeres Libres* – também é ressaltada a assistência dada pelo governo republicano às mães e às crianças pequenas. Este mesmo tema aparece em um trabalho fotográfico de Michaelis publicado no folheto de propaganda catalão *La Revolució I L'Assistència Social*, publicado também em 1937<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> Ver, em especial, GOLDMAN, Emma. *Situação social da mulher*. In RAGO, Margareth, BIAJOLI, Maria Clara Pivato. Rio de Janeiro, Achiamé, 2007, pp. 63-64.

<sup>11</sup> ACKELSBURG, Martha A. *Mujeres Libres. El anarquismo y la lucha por la emancipación de las mujeres*. Barcelona: Virus, 1999, p. 198

<sup>12</sup> Ver ZERWES, Erika. *Tina Modotti e Kati Horna, fotógrafas produtoras de duas imagens situadas entre a fotografia obrera e o humanismo*. Revista Unisinos, 2016.

<sup>13</sup> Disponível em [http://www.cccb.org/xcentric/es/album-margaret\\_michaelis-16984](http://www.cccb.org/xcentric/es/album-margaret_michaelis-16984). Acesso em 24/08/2016.



Imagem 8. Margaret Michaelis. Sem título (doutor com criança). Fotografia. Espanha, c. 1936. Fonte: Margaret Michaelis Archive, National Gallery of Australia.



Imagem 9. Kati Horna. Sem título (Hospital del Pueblo). Fotografia. Barcelona, janeiro de 1937. Fonte: Archivo General de la Guerra Civil Española, Fondo Kati Horna.

Parte significativa do arquivo que as duas fotógrafas salvaram, guardando consigo durante fugas e imigrações, são imagens deste cuidado com as crianças. Elas na grande maioria das vezes ressaltam o papel da ciência e das iniciativas laicas, seja através do ensino formal, seja no tratamento médico, como é o caso das Imagens 8 e 9. Sem dúvida, são imagens de propaganda republicana. Pode-se argumentar que sejam também propaganda da atuação da anarquista Federica Montseny, a primeira ministra mulher da Espanha, que ocupou o Ministério da Saúde e Assistência Social do governo de Frente Popular de Largo Caballero a partir de finais de 1936. Montseny assumiu o ministério defendendo diversas reformas do atendimento médico e hospitalar, como a reorganização e descentralização, além de reformas progressistas como a legalização do aborto e a criação das casas de acolhida para mulheres<sup>14</sup>.

Por muitos anos estas duas coleções permaneceram desconhecidas do público em geral. Ambas as fotógrafas parecem ter tentado reconstruir suas vidas nos países para os quais imigraram deixando este passado de lado. Apenas depois da morte delas redescobrimos suas atuações como fotógrafas de guerra e na guerra. Estas duas coleções, deste modo, permitem ver alguns aspectos da vida e do momento histórico em que estas mulheres viveram. Esta é uma história de derrotados. Por suas origens judias, Michaelis e Horna foram retiradas de suas raízes. Por serem anarquistas, perderam duplamente a luta na Espanha – os comunistas derrotados reescreveram esta história não como a revolução defendida pelos anarquistas, mas como guerra civil. No entanto, as biografias destas coleções mostram, ao mostrarem as preocupações políticas de quem viveu mulher, judia e anarquista durante os tempos sombrios do século XX, mostra também a coragem com que elas se utilizaram da fotografia para ter independência financeira e voz e ação política.

---

### Referências Bibliográficas

ACKELSBURG, Martha A. *Mujeres Libres. El anarquismo y lá lucha por lá emancipación de las mujeres*. Barcelona: Virus, 1999.

ENNIS, Helen. *Margaret Michaelis: Love, loss and photography*. Canberra: National Gallery of Austrália, 2005.

GOLDMAN, Emma. *Situação social da mulher*. In RAGO, Margareth, BIAJOLI, Maria Clara Pivato. Rio de Janeiro, Achiamé, 2007.

GREENE, Patricia. *Testimonio visual: iconografía femenina en los carteles de la Guerra Civil*. Letras Peninsulares vol 11.1, spring, 1998.

---

<sup>14</sup> RAGO, Margareth. *mujeres libres: anarco-feminismo e subjetividade na revolução espanhola*. Verve, 7, 2005, p. 134.

MENDELSON, Jordana, LAHUERTA, Juan José. *Margaret Michaelis. Fotografía, vanguardia y política en la Barcelona de la República*. Valencia: IVAM Institut Valencià d'Art Modern, 1998

MOORHEAD, Joana. *Kati Horna*. In MOORHEAD, Joana et. al. *Surreal Friends. Leonora Carrington, Remedios Varo, Kati Horna*. Surrey: Palant House Gallery, 2010.

PELIZZON, Lisa. *Más allá de la foto: La mirada de Kati Horna*. Venezia, Tesi di dottorato. Università Ca' Foscari, 2011.

PRESTON, Paul. *We Saw Spain Die. Foreign correspondents in the Spanish Civil War*. New York: Skyhorse Publishing, 2009.

RAGO, Margareth. *mujeres libres: anarco-feminismo e subjetividade na revolução espanhola*. Verve, 7, 2005, pp. 132-152.

RIPA, Yannick. *Le genre dans l'anarcho-syndicalisme espagnol (1910-1939)*. Clio. Histoire, femmes et sociétés n.3, 1996. Disponível em :// clio.revues.org/470

RODRÍGUEZ, José Antonio, et. al. *Kati Horna*. México, DF; Barcelona: Editorial RM, 2013.

ZERWES, Erika. *Tina Modotti e Kati Horna, fotógrafas produtoras de duas imagens situadas entre a fotografia obrera e o humanismo*. Revista Unisinos, 2016.